



BOLETIM TERTÚLIA

Encontros e Reflexões

SEGURANÇA E DEFESA EUROPEIA

VOLUME 1

PLANO DE RECUPERAÇÃO E RESILIÊNCIA

OBJETIVOS E DESAFIOS ESTRATÉGICOS

A SOBERANIA EUROPEIA ENTRE A AUTONOMIA E A DEPENDÊNCIA

Página 2

REFORÇAR A INDÚSTRIA EUROPEIA DE DEFESA

Página 3

O FUTURO DAS FORÇAS TERRESTRES EUROPEIAS DA NATO

Página 4

SUGESTÕES DE LEITURA

Página 5

FUNDO DE DEFESA EUROPEU

Página 6

Procurando cumprir os objetivos a que as Tertúlias EDJ se propuseram, o Boletim Tertúlia pretende dar continuidade aos mesmos, convidando todos os interessados a produzir um debate escrito sobre os tópicos discutidos durante as Tertúlias.

O presente, e primeiro, volume dará conta da primeira Tertúlia, que marcou o começo da 4ª Edição das Tertúlias, onde se discutiu, através da participação do Professor Doutor Nuno Gama Pinto, Vice-Presidente do EuroDefense Portugal, os Objetivos e os Desafios Estratégicos do Plano de Recuperação e Resiliência, no contexto da Segurança e Defesa Europeias em Transição. Conta com as seguintes entradas:

Editorial, por Miguel Carvalho Gomes

Desafios e Perspetivas da Presença da Huawei na Segurança Cibernética Europeia, por Iuri Cláudio e Vitaliy Venislavskyy

A Legal Vacuum: Cyberspace & EU Normative Doctrine, por Ivo Vaz

Migração na União Europeia: Um Olhar Abrangente sobre Desafios e Políticas, por Jorge Silva e Vitaliy Venislavskyy

O papel da tecnologia e do digital na promoção da economia sustentável: desafios e oportunidades para a UE, por Clara Ribeiro Guilherme Taxa



Plano de Recuperação e Resiliência: Objetivos e Desafios Estratégicos



A UE e a NATO partilham um interesse comum em evitar perturbações nas infraestruturas críticas que prestam serviços essenciais aos cidadãos e apoiam as nossas economias. A guerra de agressão da Rússia contra a Ucrânia trouxe novos riscos, ataques físicos e cibernéticos, muitas vezes combinados como uma ameaça híbrida.

A UE e a NATO intensificaram a sua cooperação com o lançamento do grupo de trabalho UE-NATO sobre a resiliência das infraestruturas críticas em 16 de março de 2023. O grupo de trabalho UE-NATO apresentou agora um relatório de avaliação final, que traça os atuais desafios de segurança e identifica quatro setores-chave de importância transversal: energia, transportes, infraestruturas digitais e espaço. O relatório apresenta recomendações específicas para reforçar a resiliência das infraestruturas críticas.



A SOBERANIA EUROPEIA ENTRE A AUTONOMIA E A DEPENDÊNCIA

[Ver mais](#)

Um guia para a política da UE

A ideia de "soberania europeia" ainda é relevante? Foi originalmente desenvolvida como uma resposta da UE à ascensão do populismo no seu território e à perturbação das relações transatlânticas provocada pela presidência de Trump. Mas atualmente a sua relevância parece incerta face à invasão da Ucrânia pela Rússia e à crescente assertividade da China. Este resumo argumenta que a soberania europeia (e conceitos relacionados, como a autonomia estratégica) ainda é um guia importante e necessário para a política da UE, mas apenas se for dissociada de algumas das definições excessivas e ambiciosas dadas ao conceito quando foi desenvolvido pela primeira vez. A soberania europeia está condenada ao fracasso se for definida como uma posição equidistante entre os EUA e a China ou como um objetivo atávico de autarquia em todos os domínios políticos possíveis, desde a segurança e a energia até à economia e à tecnologia. Em vez disso, a soberania europeia deve ser entendida como uma agenda moderada e pragmática de defesa dos interesses e prioridades da UE no quadro mais amplo da relação transatlântica, protegendo a ordem política e económica liberal interna da UE e defendendo a abertura internacional onde a UE ainda tem vantagens comparativas.



RECONSTRUÇÃO DA UCRÂNIA

[Ver mais](#)

Criar um futuro mais livre, mais próspero e seguro

A reconstrução pós-guerra na Ucrânia poderá ser o maior esforço de reconstrução da história moderna. Os Estados Unidos e a Europa começaram a planear o seu sucesso. Nos últimos 75 anos, têm estado envolvidos em múltiplos esforços de reconstrução. Tirar lições do mais adequado desses esforços será importante para planear a reforma e a reconstrução da Ucrânia.

Neste século, os esforços de reconstrução mais notáveis dos EUA foram no Iraque e no Afeganistão, mas estes não são os modelos corretos. A Ucrânia é fundamentalmente diferente. Quando os combates abrandarem, é pouco provável que haja uma insurreição ou uma guerra civil. Podem ser retiradas lições mais relevantes da reconstrução verdadeiramente transformadora da Europa Ocidental após a Segunda Guerra Mundial, da Europa Oriental após a Guerra Fria e dos Balcãs Ocidentais após o violento desmembramento da Jugoslávia. A fórmula básica para estes esforços de reconstrução foi definida desde o início. Os Estados Unidos forneceram o capital inicial e a segurança, enquanto os europeus forneceram a maior parte do financiamento e fizeram avançar o processo histórico de integração europeia.



UM "PILAR MILITAR" NA UNIÃO EUROPEIA

[Ver mais](#)

Gestão de crises, capacidades e coerência - e cooperação UE-EUA

Tal como após a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, estamos atualmente perante o início de uma nova era estratégica, uma "Zeitenwende" na Europa. Temos de avaliar a metamorfose que a UE deve sofrer em termos de defesa e segurança para se tornar um ator relevante em situações de crise em que a dimensão e a defesa são importantes. Estamos a assistir a uma competição entre superpotências para serem "líderes". Neste contexto, a Europa já não é o "kingmaker". No entanto, algumas certezas mantêm-se. Os EUA e a UE estão condenados a cooperar estruturalmente se quiserem manter uma certa "ordem internacional baseada em regras". Os desafios que irão provocar ondas de choque globais num futuro próximo - mais ainda do que os desencadeados pela guerra na Ucrânia - são já bem conhecidos: clima, migração, pandemias, a corrida às matérias-primas essenciais e a polarização política que põe em causa a democracia.



SEGURANÇA REPOWER

[Ver mais](#)

Repensar as relações europeias no domínio da energia em tempos de crise

A crise energética provocou um repensar da forma como a Europa define e dá prioridade à sua segurança energética. A importância estratégica da energia e a sua natureza interligada a nível físico, político e comercial tornam inevitável a interação entre segurança energética, segurança e política externa. O facto de a Rússia utilizar a energia como arma e o reposicionamento da Europa num mundo de concorrência entre grandes potências, onde os impactos climáticos são cada vez mais graves, alterou os interesses energéticos e a forma como estes se relacionam com a segurança. Um tema que ainda não recebeu muita atenção é o problema dos novos exportadores de combustíveis fósseis poderem igualmente pressionar a UE e da sua dependência excessiva das receitas da extração de combustíveis fósseis poder constituir um risco para a sua segurança, em especial nos Estados petrolíferos não democráticos e autoritários.



CÃES DE GUERRA

[Ver mais](#)

Os guerreiros corporativos da Rússia em conflitos armados

Quase nenhuma guerra foi alguma vez travada exclusivamente com soldados regulares. Não obstante este truismo, a crescente proeminência de grupos armados e mercenários patrocinados pelo Estado expandiu notavelmente o repertório da guerra contemporânea: durante a última década, esses grupos foram destacados tanto para apoiar as forças armadas regulares como como exércitos-sombra em teatros de conflito, da Ucrânia a Moçambique. Para além da sua flexibilidade e relativa eficiência em termos de custos, os principais benefícios estes grupos derivam do facto de proporcionarem uma negação plausível das ações do Estado, de exercerem uma licença sem restrições para matar e de escaparem às restrições dos princípios *jus ad bellum* e *jus in bello* do direito internacional. Mesmo no caso de violações graves do direito humanitário e dos direitos humanos, raramente podem ser responsabilizados.



REFORÇAR A INDÚSTRIA EUROPEIA DE DEFESA

[Ver mais](#)

A guerra da Rússia contra a Ucrânia pôs a nu os desafios que a indústria de defesa europeia enfrenta ao tentar satisfazer o aumento da procura e aumentar a produção na sequência de um ambiente de segurança fundamentalmente alterado na Europa. A indústria europeia da defesa é composta por uma série de grandes empresas multinacionais, empresas de média capitalização e mais de 2 000 pequenas e médias empresas. Enfrenta uma série de desafios, tais como décadas de subinvestimento, fragmentação, falta de fornecimento de matérias-primas e semicondutores essenciais e falta de capacidade de fabrico. A UE e os seus Estados-Membros tomaram várias medidas para reforçar a indústria de defesa europeia, especialmente desde o início da guerra da Rússia contra a Ucrânia: Os Estados-Membros aumentaram significativamente os seus orçamentos de defesa, cujo total combinado deverá atingir 290 mil milhões de euros por ano em 2025; o Fundo Europeu de Defesa está a investir em projetos de investigação e desenvolvimento de capacidades, tendo obtido resultados muito positivos até à data; e a Cooperação Estruturada Permanente está a proporcionar o quadro jurídico e os compromissos vinculativos para a realização de progressos importantes na defesa colaborativa. A UE também quebrou tabus ao propor um instrumento de aquisição conjunta no domínio da defesa e uma iniciativa para aumentar a produção de munições.



REFORMAR A UNIÃO ECONÓMICA E MONETÁRIA

[Ver mais](#)

Equilíbrio das despesas e sustentabilidade da dívida pública

A política orçamental na UE enfrenta o dilema de ter de satisfazer grandes necessidades de despesa apesar da existência de elevados rácios de dívida pública. Por conseguinte, a política orçamental deve colocar os Estados-Membros numa trajetória sustentável de redução gradual da dívida. O Pacto de Estabilidade e Crescimento (PEC) é o mecanismo decisivo na UE para garantir que tal aconteça. A proposta da Comissão Europeia para reformar o PEC é, em teoria, um passo na direção certa. No entanto, apresenta algumas deficiências práticas importantes: entre outras, permite um longo período de adaptação e concede uma margem de manobra política considerável à Comissão Europeia. Para aproveitar as oportunidades teóricas que a reforma oferece, a proposta precisa de ser despolitizada. Para o efeito, as instituições independentes devem ter um papel mais importante. Para além disso, devem ser introduzidos parâmetros de referência quantitativos e comuns como salvaguarda para limitar a margem de manobra política permitida. Com uma análise básica da sustentabilidade da dívida pública, verificamos que, mesmo no cenário de base, o rácio da dívida pública é suscetível de aumentar em alguns grandes Estados-Membros, como a França. Nos nossos dois cenários mais pessimistas, a maioria dos Estados-Membros analisados veria o seu endividamento público aumentar, com as notáveis exceções da Grécia e de Portugal.



COMO ACABAR COM A GUERRA DA RÚSSIA CONTRA A UCRÂNIA

[Ver mais](#)

Salvaguardar o futuro da Europa e os perigos de uma falsa paz.

Enquanto a Ucrânia continua a lutar para libertar os seus territórios ocupados e expulsar os invasores russos, os seus apoiantes ocidentais debatem o provável desfecho da guerra e as suas consequências. A resposta internacional à invasão em grande escala da Ucrânia pela Rússia, embora impressionante em muitos aspetos, continua a ser inadequada para a tarefa e perigosamente instável. A ameaça mais alargada da Rússia à ordem internacional baseada em regras também não é suficientemente reconhecida.

Foram apresentadas muitas propostas sobre a forma como o conflito poderia, ou deveria, ser encerrado. Algumas, embora bem-intencionadas, implicam concessões que apaziguariam efetivamente a Rússia, trairiam a Ucrânia e colocariam a Europa em perigo. Os apelos persistentes a um cessar-fogo ou a uma "solução negociada" para pôr fim aos combates sem abordar a sua causa subjacente - a ambição da Rússia de eliminar a Ucrânia tal como a conhecemos - não farão mais do que recompensar o agressor e punir a vítima.



AS ARMAS DA EUROPA

[Ver mais](#)

Desafios da indústria de defesa em tempo de guerra

Vinte e cinco anos de orçamentos de defesa em declínio levaram à redução das capacidades industriais de defesa da Europa. O desafio atual consiste em aumentar rapidamente a produção.

Os responsáveis pelo planeamento da defesa e os industriais fazem um grande esforço para evitar preparar-se para a última guerra. E, no entanto, a verdade incómoda que emerge da guerra em curso em solo europeu é que os países europeus quase não se prepararam para a guerra. A guerra de agressão da Rússia contra a Ucrânia revelou deficiências significativas na capacidade dos governos europeus da NATO para fornecerem e armarem um parceiro vizinho, e muito menos para combaterem eles próprios uma grande guerra. As forças armadas dos Estados membros europeus da NATO e da União Europeia estão esvaziadas, atormentadas por equipamento inutilizável e stocks de munições gravemente esgotados. Os responsáveis políticos de muitos países reagiram anunciando aumentos significativos das despesas com a defesa.



O FUTURO DAS FORÇAS TERRESTRES EUROPEIAS DA NATO

[Ver mais](#)

Planos, desafios e perspetivas

A guerra da Rússia contra a Ucrânia colocou a recapitalização das forças terrestres europeias no topo da agenda dos aliados europeus da NATO. Este estudo examina os planos emergentes e os desafios de implementação de forças terrestres europeias selecionadas. Até à data, os progressos têm sido variados. Embora já tenham sido dados alguns passos positivos, persistem desafios importantes e é incerto se a dinâmica atual se manterá.

A perspetiva de uma grande guerra terrestre envolvendo forças da NATO regressou à Europa. A invasão em grande escala da Ucrânia pela Rússia, em fevereiro de 2022, foi um sinal de alerta para as capitais europeias. Antes disso, muitos defendiam a opinião de que as grandes forças terrestres e as capacidades de manobra terrestre, incluindo as formações blindadas pesadas, não seriam uma característica dominante dos futuros conflitos. Esta opinião manteve-se mesmo depois de a Rússia ter tomado a Crimeia no início de 2014 e, subsequentemente, ter fomentado e apoiado a atividade separatista no Leste da Ucrânia. Após décadas de redução das capacidades, alguns exércitos europeus elaboraram planos, depois de 2014, para voltarem a constituir forças para grandes operações terrestres; continuaram, no entanto, a ficar aquém em muitas áreas importantes para a guerra de alta intensidade.



DE MAL A PIOR Os efeitos contínuos das sanções contra a Rússia

[Ver mais](#)

A visão generalizada de que a Rússia "resistiu" às sanções, que supostamente tiveram apenas um impacto "limitado", estava errada e, na verdade, baseava-se numa concentração errada em apenas um punhado de indicadores macroeconómicos manipulados ou enganosos, como o PIB, a taxa de câmbio do rublo, o desemprego e a inflação. Uma análise intersectorial mais ampla e centrada num conjunto mais vasto de indicadores que refletem de forma mais realista a contração da atividade económica revelou um quadro totalmente diferente: que as sanções estavam, de facto, a ter um impacto económico muito mais vasto, sistémico e duradouro, que só continuaria a aumentar com o tempo. Isto significa que as sanções estavam a funcionar e que era necessária paciência estratégica para ver o seu impacto total e devastador na economia russa. E tudo isto foi antes da entrada em vigor do embargo da UE ao petróleo russo, cortando à Rússia mais uma parte significativa das suas receitas de exportação de energia. Desde então, a situação piorou muito para Putin e para a economia russa. Antes de mais, o embargo petrolífero da UE - num contexto de intensificação das despesas militares russas - atirou a Rússia para uma crise orçamental generalizada, à qual o país conseguiu escapar em 2022.



MANTER A AMÉRICA PERTO, A RÚSSIA EM BAIXO E A CHINA LONGE

[Ver mais](#)

Como os europeus navegam num mundo competitivo

Nos próximos anos, a União Europeia irá provavelmente enfrentar decisões estratégicas difíceis: apoiar ou não os Estados Unidos na sua competição geopolítica com a China; punir ou não a China pelo seu apoio à Rússia; reconstruir ou não as relações com a Rússia depois da guerra.

Estas decisões afetarão os cidadãos europeus - cujo apoio os líderes europeus necessitarão para as suas escolhas em matéria de política externa. Há dois anos, o Conselho Europeu de Relações Externas realizou um estudo de opinião pública sobre a forma como os europeus veem o seu lugar no mundo. Os resultados apontavam para uma mentalidade europeia cooperativa, segundo a qual, num mundo de grandes potências concorrentes, os europeus preferiam cultivar parcerias estratégicas com vários países e defendiam uma política externa largamente baseada em valores.



FINANCIAMENTO DA RECUPERAÇÃO DA UCRÂNIA

[Ver mais](#)

Consequências para o orçamento da UE e o controlo orçamental, e princípios para o sucesso

A recuperação da Ucrânia e a adesão à UE serão um projeto determinante para a UE na década de 2020. Os custos serão enormes. Um número regularmente citado para o custo da recuperação é de 383 mil milhões de euros, com base numa avaliação dos danos efetuada pelo Banco Mundial. No entanto, até que a Ucrânia tenha libertado todos os territórios temporariamente ocupados pela Rússia, esse número irá aumentar ainda mais. A UE e os seus Estados-Membros, em conjunto como "Equipa Europa", comprometeram-se a conceder cerca de 72 mil milhões de euros de apoio financeiro, militar e humanitário à Ucrânia e ao seu povo, incluindo aos refugiados ucranianos na UE, a partir de junho de 2023. A este montante acresce um montante adicional de 50 mil milhões de euros para o Mecanismo Ucrânia da UE, proposto pela Comissão Europeia em 20 de junho de 2023.



RECUPERAR O ESPÍRITO DA PESCO!

[Ver mais](#)

A UE e os parceiros estratégicos, Estratégia e política externa da UE, A Europa no mundo

Cinco anos após o lançamento da Cooperação Estruturada Permanente (CEP), e cinco vagas de projetos depois, é o momento certo para perguntar se o instrumento ainda corresponde ao que os seus criadores tinham em mente. É esta a PESCO que queremos?

O espírito da CEP

A CEP é um dos principais instrumentos nas mãos dos Estados-Membros da UE para promover a Política Comum de Segurança e Defesa (PCSD). Trata-se de um instrumento dinâmico: nos últimos cinco anos, foram lançados setenta e dois projetos - o que pode ser considerado um êxito - ao mesmo tempo que se registaram progressos no cumprimento dos compromissos mais vinculativos assumidos pelos Estados-Membros participantes - embora não na medida desejada.

SUGESTÕES DE LEITURA



TRANSFORMAR A DEFESA EUROPEIA

Uma nova tónica na integração

[Ver mais](#)

A defesa europeia está num estado decrépito. Embora a guerra na Ucrânia tenha aumentado o foco do continente na defesa, a Europa não abordou fundamentalmente as suas questões estruturais mais profundas, nomeadamente a forma profundamente fragmentada e desorganizada como os europeus gerem as suas forças. Como tal, a Europa, apesar de ter uma união política e económica robusta na União Europeia, uma economia equivalente em tamanho aos Estados Unidos ou à China, uma população de 450 milhões de habitantes e de gastar coletivamente mais de 200 mil milhões de dólares por ano em defesa, está quase totalmente dependente dos Estados Unidos para dissuasão e defesa coletiva. A questão fundamental para a defesa europeia na próxima década é saber se os membros europeus da NATO podem reconstruir a sua capacidade militar. Os europeus estão a comprometer-se a gastar significativamente mais em defesa e é crucial que estes investimentos tenham um impacto transformador na defesa europeia. Isto exigirá uma profunda cooperação e integração dos esforços europeus. A alternativa, investir um pouco mais, mas de forma descoordenada, apenas melhorará marginalmente o status quo. No entanto, é essa a trajetória atual: mais despesas, mas um impacto limitado. A NATO não se tem revelado capaz de levar os seus Estados membros a gastar adequadamente ou a coordenar e integrar os seus esforços de investimento na defesa. De facto, a cooperação europeia em matéria de defesa diminuiu durante a última década e a questão da cooperação europeia em matéria de defesa nem sequer foi destacada no Conceito Estratégico da Aliança para 2022.



METAVERSO

[Ver mais](#)

De acordo com o dicionário Oxford English, o termo metaverso é etimologicamente composto por dois componentes: meta (prefixo grego μετά que significa depois, após ou para além - denotando mudança, transformação, permutação ou substituição) e universo. O conceito de metaverso refere-se à migração de várias partes da experiência humana do mundo físico para um mundo virtual cada vez mais imersivo. O metaverso refere-se a uma ideia suscetível de ser incorporada em numerosos mundos virtuais, em que a tecnologia tem a oportunidade de trazer conteúdos para esses mundos de formas nunca antes imaginadas e, com isso, questões e desafios jurídicos nunca antes contemplados.



A ANTÁRTIDA EM RISCO

[Ver mais](#)


O IDEAL ABSOLUTO

[Ver mais](#)

As cibercapacidades militares na guerra e na sociedade

A guerra pode e deve ser retratada, aproximada e analisada de várias formas. Podemos pensar a guerra como uma fase, um estado de coisas e um fenómeno; na busca do conhecimento, da compreensão e da explicação, utilizamos terminologia emprestada e transferida, conceptual ou politicamente conveniente, e juridicamente aceite ou cientificamente precisa. Este trabalho de investigação discute se o emprego de capacidades cibernéticas constitui uma guerra tal como é entendida na teoria da guerra. Examina as teorias clássicas e pós-modernas da guerra e da guerra cibernética e de informação, bem como a prática do emprego de capacidades cibernéticas na guerra russo-ucraniana em 2022.



A DEFESA EUROPEIA NUMA NOVA ERA

[Ver mais](#)

Mudanças geoestratégicas e respostas que moldam o ecossistema de defesa

Aprofunde-se na transformação do cenário de defesa da Europa após a invasão da Ucrânia pela Rússia em 2022 com o nosso relatório abrangente. Parte do projeto de longo prazo sobre a Defesa Europeia numa Nova Era, este relatório fornece informações especializadas sobre as mudanças na ordem militar da Europa, na cooperação em matéria de defesa e no panorama geopolítico, com destaque para a evolução da Base Industrial e Tecnológica de Defesa da Europa. Explore as principais conclusões sobre as mudanças políticas, as potenciais divisões e o papel da China e descubra as mudanças sísmicas que estão a remodelar a defesa europeia.



GOVERNAÇÃO DO MECANISMO DE RECUPERAÇÃO E RESILIÊNCIA

[Ver mais](#)

Para além da sua notável dotação financeira, o Mecanismo de Recuperação e Resiliência (MRR) marca também um importante avanço qualitativo na governação da UE, uma vez que introduz uma nova conceção de governação "orientada para a procura e baseada no desempenho". O MRR introduz uma série de novidades em relação à atual governação económica da UE e assegura uma melhor ligação entre os investimentos e as reformas, concretizando assim as recomendações específicas por país. Como tal, atua como um amplificador das transições económicas nos Estados-Membros e é geralmente considerado como um fator de mudança em termos de impacto. Ao mesmo tempo, o financiamento baseado no desempenho não é novo e tem sido fortemente criticado noutros contextos, tanto nacionais como internacionais.



FUNDO EUROPEU DE DEFESA

[Ver mais](#)

A UE vai investir 832 milhões de euros em 41 ambiciosos projetos industriais no domínio da defesa

A Comissão anunciou hoje os resultados dos convites à apresentação de propostas de 2022 no âmbito do Fundo Europeu de Defesa (FED), num montante de 832 milhões de EUR de financiamento da UE para apoiar 41 projetos conjuntos de investigação e desenvolvimento no domínio da defesa em toda a UE.



RELAÇÕES RENOVÁVEIS

[Ver mais](#)

Uma abordagem estratégica da cooperação energética europeia com os Estados do Golfo

Inundações em Itália, deslizamentos de terras no Paquistão; tempestades de gelo no Texas, incêndios florestais no Canadá. A devastação climática de 2023 é um lembrete, como se fosse necessário outro, de que o tempo está a esgotar-se para combater o aquecimento global.



POLÍTICA EXTERNA E DE SEGURANÇA DA UNIÃO EUROPEIA

[Ver mais](#)

Como reduzir o impacto da contestação interna, da fragmentação regional e da concorrência multipolar

Numa União de 27 Estados-Membros, as diferenças de interesses geopolíticos, as realidades socioeconómicas, as trajetórias históricas e a construção da identidade nacional ameaçam constantemente a unidade interna e, por conseguinte, também a coerência externa da Política Externa e de Segurança da UE (PES).



A GUERRA PELA UCRÂNIA E A REDESCOBERTA DA GEOPOLÍTICA

[Ver mais](#)

Deve a UE traçar novas linhas de batalha ou manter uma porta aberta?

Se, durante a Primeira Guerra Mundial, os russos só conseguiam ver o que estava mesmo à sua frente, ou seja, a linha contínua de trincheiras na Bélgica e em França, muitos dirigentes da UE só veem hoje a guerra terrestre na Ucrânia.



A EUROPA E A GUERRA NA UCRÂNIA

Da agressão russa a uma nova política de Leste

[Ver mais](#)

A agressão russa contra a Ucrânia, em fevereiro de 2022, abalou o mundo e causou imenso sofrimento e destruição no país invadido. Tudo indica que a guerra se irá prolongar até 2023. Até agora, o conflito tem sido altamente dinâmico: militar e politicamente. As ambições, os objetivos e as realizações têm sido tão dinâmicos como a política das partes envolvidas. Embora não seja ela própria um interveniente militar, a UE tem aparecido como um actor importante, ajudando o esforço de guerra ucraniano, apoiando os refugiados, sancionando a Rússia e transformando a Ucrânia num dos candidatos à adesão à UE.



SEGURANÇA ECONÓMICA

Um novo paradigma para a UE?

[Ver mais](#)

O momento decisivo da invasão da Ucrânia pela Rússia reforçou a ênfase política na segurança económica da UE, mas o debate não é novo. A Europa tem uma dependência de longa data da energia importada, o que, durante várias décadas, levantou questões sobre a segurança do aprovisionamento. Mais recentemente, surgiram preocupações sobre a vulnerabilidade das empresas da UE relativamente às cadeias de abastecimento e aos mercados mundiais, bem como sobre o acesso e a liderança em tecnologias facilitadoras essenciais.